

O ORÁCULO CUIABANO

Benedito Pedro Dorileo

Releio, anotando, as três monografias substantivadas todas ela da forma composta e sincopada de maior: O Guarda-Mór, o Lavrador-Mór e o Orago-Mór encerradas no livro de mais de quinhentas páginas, sob o título de Três Sorocabanos no Arraial, editado em 1985. É deveras muito propício o momento, dado que a história e a fé estreitam-se em abraço fecundo nesta obra. Pois, neste ano de 1996, a Igreja cuiabana celebra os 250 anos da Prelazia em 1746; e o autor, o seu octogenário de vida, no mesmo mês, dias 6 e 12 de dezembro, respectivamente.

Passo a passo nas linhas de miúdas letras, encontro pepitas reluzentes de raríssima preciosidade, garimpadas pelo memorialista com aguda sensibilidade de espírito.

Inicialmente relembrando bandeiras e monções, que aportaram o centro geodésico da América do Sul, no século XVIII, encontramos a aclamação de Pascoal Moreira Cabral Leme, como guarda-mór das fabulosas minas do Arraial de Forquilha às margens do Coxipó do Ouro, o arraial mater, sob a invocação de Nossa Senhora da Penha de França, em 8 de abril de 1719.

Pouco tempo e a ganância do ouro, principalmente para suprir a Coroa Portuguesa, expande a exploração para atingir o ribeirão Prainha, com novo arraial das minas, descobertas por Miguel Sutil de Oliveira.

O capitão-mór Jacinto Barbosa Lopes logo, em 1722, edifica uma capela de palha, em louvor ao Senhor Bom Jesus. Bandeirantismo e religião escreviam as páginas primevas da história cuiabana, envolvida com sacrifícios dos brancos e índios, cuja odisséia, em meio ao inóspito e ingentes sofrimentos, era sustentada pela fé.

As lavras do Sutil, o lavrador-mór, cresciam e a fama aurífera de generosos mananciais começou a povoar a região, assumindo em 1727, os foros de Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, com o simbolismo das armas e levantamento de pelourinho. Por interesse fiscalizador a Vila Real tornava-se sede provisória da Capitania de São Paulo.

Faltava a imagem. Evidentemente, não se adora estátua mas a venera como símbolo, representação do sagrado, a inspirar o culto devido ao senhor.

Comovente á a reprodução da crônica narrativa da confecção, transporte e chegada da Imagem do Senhor Bom Jesus a Cuiabá, em 1729, oficialmente adotada por decisão do Senado da Câmara da então Vila Real. O Orago-Mór assoma ao altar.

Completa-se a tríade comentada no livro de Luís-Philippe Pereira Leite, como os Três Sorocabanos no Arraial, pois fundadores e imagem procederam da “cidade - madrinha” de Sorocaba, em São Paulo.

Deve ser anotado que o autor registra atas, versões que, propositadamente, às vezes se conflitam, em autêntico tear histórico para que o leitor assuma a sua crítica. O âmago, porém, é preservado e respeitado.

A Imagem taumaturga foi abrigada na Capela, que logo tem paredes de barro e depois taipa socada, ruindo por vezes, reconstruída em 1740 pelo vigário padre João Caetano Leite César de Azevedo. Somente em 1771, sendo vigário padre José Pereira Duarte, recebeu a sua primeira torre com forma de pirâmide.

Da Prelazia para Diocese em 1826, dom José Antonio dos Reis, o primeiro bispo, assumindo em 1832, durante o seu rico apostolado, construiu as sacristias laterais, modificou a torre, dando-lhe a forma ogival, que permaneceu até o início do século XX. Pois em 1928, o presidente do estado, Mário Corrêa da Costa, modificou a fachada, edificando a segunda torre, com alteração da primeira. O corpo permanecia de paredes de barro socado. E assim ficou, com ligeiros reforços, até a demolição em 1968.

Não é fácil condensar a generosa oferta de dados e detalhes, verdadeiras filigranas, da obra de Luís-Philippe, que não se fecha em si mas se abre em idéias documentadas e diversificadas de pesquisadores.

É assinalado o ano de 1958 como o marco de tomada de decisão quanto à estrutura física da Catedral, que ameaçava ruir por inteiro, fissurada gravemente, com exceção do frontispício. É criada a Comissão de Reconstrução, pouco tempo após haver dom Orlando Chaves assumido o sólio Arquiepiscopal. “O tombamento junto ao Patrimônio Histórico e Artístico Nacional fora recusado, face à perda do estilo colonial, com a modificação da única torre abobadada, ao lado do Palácio da Instrução, pela

dupla agulha ...”, repete o Autor esta passagem na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (Tomo CXXXIX - CXL, p. 60, publicada em 1993).

Perda de autenticidade histórica, reparação duvidosa com risco de fatal desabamento, “a comunidade rezava, refletia, atenta aos detalhes e pareceres, e afinal decidiu: 70% pela demolição e reconstrução 30% ..., quando, ainda, se preparava para os 250 anos de Cuiabá, em 1969.

A relíquia colonial, infelizmente, não tinha sustentação. “Se se tratasse de uma sólida e duradoura construção aí seria imperdoável deitar abaixo o monumento histórico ... os muros de taipa ... desfazendo-se aqui e acolá ... “.

O relato mostra que na década de 60, a Imprensa estava dividida, ora apoiava a construção cabal de um novo templo, ora criticava de maneira acerba, principalmente quando se usou dinamite na demolição. Sucede, porém, que tais petardos foram usados tão somente na parte frontal, onde havia concreto armado da reforma de 1928, orientada por um engenheiro militar, já aludida, pois o restante cedia naturalmente, com estruturas sacudidas pelo tempo, ademais com o trepidar dos veículos motorizados em sua volta, em horas hodiernas. As ruas centrais estavam calçadas de paralelepípedos.

Acrescento, deve ser lembrado que o cuiabano decidiu atualizar arquitetonicamente, a partir da década de 50, o seu centro urbano, lançando por terra os antigos Palácio Alencastro, Praça Alencastro, Prefeitura Municipal e mais prédios públicos e particulares, na área que incluía a Catedral. Foi direito de opção exercitado pela maioria, e como tal deve ser respeitado.

O tempo passa e tudo refeito já propicia novas promessas históricas “ad futurum”. Logo, em 1998, celebraremos os 25 anos da nova Catedral.

Foram quinze anos de trabalho, o advogado Luís-Philippe coordenava a Comissão, ao lado do vigário padre Firmo Pinto Duarte Filho, acólitos de primeira linha do arcebispo metropolitano dom Orlando Chaves, o cantor, o apóstolo das vocações, o administrador.

São longas as páginas que contam as campanhas de doações, movimentos dos fiéis e da sociedade, com participação de governos do estado.

Mais uma vez o processo democrático: os projetos do célebre arquiteto em arte sacra Benedito Calixto de Jesus Neto, autor da Basílica

Nacional de Nossa Senhora de Aparecida, foram discutidos e postos em votação, e lê-se o resultado de 5.450, mais 3.000 votos optaram pelo estilo clássico, com ligeiros retoques, que proporcionou a realidade da nova Catedral do Senhor Bom Jesus.

Finalmente, em 24 de maio de 1973, dia de Maria Auxiliadora, comemorando o Jubileu de Prata da sagração episcopal de Dom Orlando Chaves, era definitivamente inaugurada a Catedral reconstruída, com a presença de altos prelados e personalidades de governos, clero, fiéis e povo.

Na seqüência, o coroamento da conquista. Sua Santidade o Papa Paulo VI, em 15 de novembro de 1974, atendendo ao pedido do venerando cosmopolita cuiabano concede a elevação da Catedral à categoria de Basílica Menor. Chamámo-la, portanto, de Catedral do Senhor Bom Jesus de Cuiabá.

Cívico, religioso, histórico é tudo quanto diz respeito à trasladação, em 1975, de Sorocaba para Cuiabá, das cinzas de Miguel Sutil de Oliveira, que, hoje, na cripta repousam ao lado de Pascoal Moreira Cabral e de todos os prelados da Prelazia, Diocese e Arquidiocese de Cuiabá até dom Aquino Corrêa. Nos dias que correm, o construtor arcebispo dom Orlando Chaves tem o seu corpo, falecido dia da Assunção de Nossa Senhora, 15 de agosto de 1981, após celebrar 81 anos de vida em 17 de fevereiro desse ano.

Lá está a mesma imagem do início do século XVIII, o padroeiro de Cuiabá, no seu altar, louvado artisticamente, no mosaico pelas três oferendas do bandeirante, do negro e do índio, pioneiros da epopéia máxima da cuiabania.

A obra de Luís-Philippe encerra passagens romanescas, feitos e episódios curiosos outros, que dão margem para uma pesquisa do mais relevante quilate histórico, como o Forte de Coimbra e sua Protetora e sua relação com Cuiabá, festas, folclore, reprodução de documentos raríssimos e muitos depoimentos mais.

Conduzindo a linha para encontrar o ponto inicial destas parcas letras, destacamos duas efemérides: os 250 anos da Prelazia de Cuiabá, criada pela Bula "Candor Lucis Aeternae" do papa Bento XIV, em 6 de dezembro de 1746. (...) cuja contribuição de Luís-Philippe foi valiosa em suas diligências para favorecer a Mitra Arquidiocesana com os documentos pertinentes. É

razão para homenagear Sua Excelência o senhor arcebispo metropolitano dom Bonifácio Piccinini, o bispo dos pequeninos: "Bonum Facere Parvulis". E não poderia esquecer-nos do nosso mestre padre conselheiro Pedro Cometti, do tempo de vida salesiana, vigário geral.

Voltamo-nos, agora, para o doutor Luís-Philippe Pereira Leite, que bem sei foge de fáceis louvaminhas, mas acreditamos que, neste enredo, ainda que pobremente desenvolvido, sente-se mais honrado em sua intocável dignidade de homem virtuoso, na vida pública, como advogado, notário, escritor, ou na assembléia constituinte do estado como deputado em 1947, no Ministério Público como Procurador Geral de Justiça, Procurador Regional Eleitoral, Procurador Fiscal do Estado e participe de muitas outras funções públicas. Tantas são as honrarias e comendas que possui, como a de comendador da Pontifícia Ordem de São Gregório Magno.

Homem de singular inteligência, espírito percuciente e de nobreza de caráter, vai encerrando uma geração de maiores nomes que Mato Grosso já produziu, persentida pelos pósteros.